

## A PSICODINÂMICA DO SOFRIMENTO, DO PRAZER E DO TRABALHO<sup>1</sup>

**English title:** *THE PSYCHODYNAMICS OF RECOGNITION: TRANSFORMING SUFFERING INTO PLEASURE AT WORK*

**doi:** [10.33726/akdpapers2447-7656v11a72021p79-97](https://doi.org/10.33726/akdpapers2447-7656v11a72021p79-97)

FIGUEIREDO, Mari Lucia<sup>2</sup>

ÁVILA, Lazslo Antonio<sup>3</sup> –  <https://orcid.org/0000-0001-6392-1016>

**RESUMO:** A presente investigação se debruça sobre a ideia de que o trabalho pode ser lugar tanto da saúde quanto da patologia, tanto do sofrimento quanto do prazer, sendo apresentado sempre com duplo papel: o trabalho pode ser estruturante como também pode adoecer, pode promover dignidade como também pode deteriorar e ser alienante. O presente estudo propõe-se a apresentar a integração corpo e mente e a busca de conhecimento sobre as causas do adoecer e os caminhos da cura. Como metodologia de pesquisa, combinamos a técnica da revisão bibliográfica com a psicodinâmica do trabalho, a qual se caracteriza pela análise dos processos psíquicos mobilizados pelo encontro entre o sujeito e as imposições geradas pela organização do trabalho. Temos como um referencial potente para essa referência a psicanálise. Como resultados deste estudo, redonda uma contribuição para a escuta analítica do sofrimento e para a construção e fortalecimento do conhecimento, das causas dos sintomas e os caminhos da cura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Práticas organizacionais, saúde mental, subjetividade, sofrimento e prazer

**ABSTRACT:** The present investigation focuses on the idea that work can be both in the area of health and pathology, both in suffering and pleasure, being always displayed with a double role: work can be structured as it can also happen, it can cause dignity but it can also deteriorate and be alienating. This study aims to present the integration of body and mind and the search for knowledge about the causes of illness and the ways of healing. As a research methodology, we combine the technique of bibliographic review with the psychodynamics of work, which is characterized by the analysis of the psychic processes mobilized by the encounter between the subject and the impositions generated by the organization of work. We have a powerful reference for this reference to psychoanalysis. As a result of this study, it contributes to the analytical listening of suffering and to the construction and strengthening of knowledge, the causes of symptoms and the ways of healing.

**KEYWORDS:** Organizational practices, mental health, subjectivity, suffering and pleasure

---

1 Este texto foi originalmente publicado com título “A PSICODINÂMICA DO RECONHECIMENTO: TRANSFORMANDO SOFRIMENTO EM PRAZER NO TRABALHO”, no formato Capítulo de Livro, incluso na obra “FRONTEIRAS EM MOVIMENTO – OS DESAFIOS DA CIÊNCIA NA ERA DIGITAL”, ISBN 9781656124340 / Rio Preto – SP / Frutal – MG – 2020. Como o tema guarda extrema aderência ao contexto de Pandemia de COVID-19, revisamos o texto para o formato Artigo Completo, garantindo, assim, a plena dispersão de conteúdos científicos relevantes para a sociedade. Daí, então, que a alteração no título mantém o escopo da pesquisa, servindo cada um deles apenas como indicadores do local da primeira versão como Capítulo de Livro e da segunda versão como *Paper*.

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia. Doutora em Psicologia como Profissão e Ciência. PUC – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Docente vinculada à Universidade Estadual de Minas Gerais – UEMG – Av. Professor Mário Palmério, 1001, Bairro Universitário, Frutal, MG, Brasil. CEP 38200-000. Fone: (34) 3423-2700. E-mail: [maripsydra@yahoo.com.br](mailto:maripsydra@yahoo.com.br) [mari.figueiredo@uemg.br](mailto:mari.figueiredo@uemg.br)

<sup>3</sup> Livre Docente e Professor Adjunto na Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP – Departamento de Psiquiatria e Psicologia. Av. Brigadeiro Faria Lima, 5416, Vila São Pedro, Rio Preto, SP. CEP: 15.090-000. Link para o LATTES: <http://lattes.tcnpq.br/1044104621580017>

## INTRODUÇÃO

A doença não é algo que vem de fora e se superpõe ao homem, e sim um modo peculiar da pessoa se expressar em circunstâncias adversas. “É, pois, como suas outras manifestações, um modo de existir, ou de coexistir, já que o homem não existe, coexiste” (PERESTRELO, 1989, p. 74). E, como o ser humano não é um sistema fechado, todo o seu ser se comunica com o ambiente, com o mundo e, mesmo quando aparentemente não existe comunicação, isto já é uma forma de comunicação, como o silêncio, às vezes, é mais eloquente do que a palavra.

Assim, a psicossomática não se limita a oferecer ao profissional da saúde armas suplementares para tratar o corpo ou preservar a sua integridade. A psicossomática valoriza o papel das forças mentais na conservação ou perda do bem-estar de um indivíduo, aumentando, assim, o domínio que o homem pode subtrair, por sua própria vontade e livre arbítrio, ao determinismo das leis da matéria: ela desmantela a tendência à repetição, impede a submissão ao incurável, enfraquece o poder da morte.

Ballone, Ortoloni e Pereira Neto (2007) pontuam que, o adoecer das pessoas atua como uma forma desarmônica de se relacionar com o mundo. Para esses autores, devemos buscar no universo subjetivo, na intimidade de cada um, as respostas, não no mundo concreto e objetivo dos fatos e acontecimentos. Portanto, vê-se que a psicossomática contribui para a cura e a prevenção do adoecimento, na medida em que promove a reflexão acerca da vida do indivíduo como um todo, buscando valorizar a subjetividade humana, a história de vida do indivíduo e as suas relações com a emoção e os afetos.

Ávila (2012) contribui com essa temática, num estudo sobre o corpo, mencionando a subjetividade e a psicossomática, ressaltando que, ao longo de quase 100 anos, a psicossomática psicanalítica vem desenvolvendo um amplo conjunto de evidências, demonstrando como os processos inconscientes incidem sobre as funções corporais, produzindo manifestações no organismo, agravando doenças e traduzindo os conflitos psíquicos em sintomas somatizados.

“O ser humano está sujeito ao sintoma. É um sujeito sintomático”. Argumenta-se, ainda, neste sentido, que os “sintomas revelados pelos sujeitos são na maioria das vezes, de caráter fisiológico, tais como a fadiga, os distúrbios de sono, a exaustão, o ganho ou a perda de peso, a queda de cabelo, os problemas respiratórios ou digestivos” (PÉRILLEUX & MENDES, 2015, p. 62).

Informa-se, também, que são apresentados sintomas organizacionais, como, por exemplo, o absenteísmo, o assédio moral, a violência contra os outros ou contra os instrumentos de trabalho. Podemos considerar ditos sintomas, as expressões de patologias sociais. Assim, ressaltam os autores A. Honneth (2007), S. Haber (2010) ou H. Rosa (2012), que tais processos minam “o tipo de relação consigo mesmo e com o mundo, sem a qual a vida perde o valor e qualidade” (RENAULT, 2008, p. 86).

Falar de sintomas como patologias sociais, portanto, conduz-nos a uma posição contrária à medicalização das causas sociais da opressão, uma vez que, a partir desse posicionamento, é que se abre caminho para uma eventual politização do sofrimento (PÉRILLEUX & MENDES, 2015).

O desafio para os clínicos, sob este prisma, consiste em não tratar o sintoma como um problema à espera de solução, mas como um enigma que clama por uma decisão.

## **DELIMITAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O “SINTOMA”**

A primeira questão sobre a qual devemos nos deter é a de delimitarmos o que seja um “sintoma”. Ao encontro desta demanda, vemos que a etimologia nos remete à ideia de que sintoma pode ser um “colapso”, um “evento infeliz”, um “acidente”, uma “coincidência” e, especialmente, uma “coincidência de sinais”.

Na linguagem comum, “sintoma” é uma desordem, que faz sofrer e que requer por resolução. Na linguagem médica, “sintoma” é a manifestação objetiva ou subjetiva de uma doença ou de uma disfunção. O “sintoma”, enfim, permite detectar um problema do corpo ou do pensamento, associado a um

estado mórbido e, quando ocorre o seu desaparecimento, assinala-se a cura médica (PÉRILLEUX & MENDES, 2015, p. 62).

Freud também dizia que o “sintoma” era um dizer, um *bilderschrift*, isto é, uma escrita da imagem. Fórmula estonteante esta! O “sintoma” escreve de forma imagética a verdade do desejo inconsciente do sujeito. É uma questão de “ler” essa verdade, bem mais do que de erradicar o “sintoma”. Porém, Guattari e Rolnik (2007, p. 323), reconhecem que:

[...] os sintomas são como pássaros que vêm bater o bico no vidro da janela. Não há que se interpretar. Antes de tudo, é preciso situar sua trajetória para ver se eles estão em condição de serem indicadores de novos universos de referência, que podem vir a adquirir uma consistência suficiente para provocar uma virada na situação.

Freud afirmava que “a fronteira não era entre doença e a saúde” (1984, p. 122), visto que podemos dizer, “sem medo de contradição, que nós somos todos doentes, isso quer dizer, neuróticos, uma vez que as condições para a formação do sintoma existem igualmente em seres humanos normais” (FREUD, 2001).

## **DELIMITAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O “TRABALHO”**

O “trabalho” exerce papel importante para a estruturação psíquica e para os processos de formação da identidade dos indivíduos. Além disso, o “trabalho” é visto como um aspecto central para a sociabilização contemporânea (ANTUNES, 2004; DEJOURS, 2006; MENDES, 2008).

A ideologia do neoliberalismo acaba encobrindo e deslocando o “trabalho” da centralidade que ele ocupa na vida dos indivíduos. O desfoque se volta para pontos mais periféricos, encobrindo processos de dominação e de exploração, advindas, principalmente, por meio do sistema capitalista.

Tendo por base a ideia de separação do trabalhador e dos seus meios de produção, há, segundo uma concepção marxista, o favorecimento da alienação deste trabalhador. No entanto, vale ressaltar, que "o trabalho ocupa

dimensão central nas formas de (des) sociabilidade contemporânea" (ANTUNES, 2004, p. 09). E, neste sentido, se deve pensar nele como uma possibilidade para que o sujeito desenvolva a subjetividade, por meio da relação entre sofrimento e realidade, de acordo com a teoria psicodinâmica do trabalho (DEJOURS, 2004).

## **DELIMITAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A "SUBJETIVIDADE"**

A "subjetividade" permeia o dia-a-dia das pessoas e estas, em sua maioria, não conseguem perceber a influência exercida por ela em suas vidas, no seu comportamento e no relacionamento com seus parceiros. Apesar de pouco percebido: [...] "sabemos que o processo deflagrado pela negação da subjetividade, ou seja, da supressão do Eu, tem como resultado, impactos negativos e, em muitos casos, o adoecimento físico e psíquico" (VALENTE & LEITE, 2009, p. 06).

A "subjetividade", segundo Davel e Vergara (2001), consiste na formulação de pensamentos, condutas, emoções e ações do indivíduo, sujeito único que, ao relacionar-se com o meio, formula conhecimento e gera concepções. Entretanto, é preciso que se desenvolva o equilíbrio nestas relações, para que a pluralidade e a heterogeneidade das linguagens, espaços e práticas que nos governam diariamente, sejam evidenciadas e desperte, assim, a criticidade e o posicionamento diante da vivência, segundo princípios e valores norteadores próprios, e não a mera repetição acrítica.

Um dos grandes espaços de despertar dessa consciência subjetiva, é o ambiente de trabalho. A entrada no mercado de trabalho configura, além de um acesso ao salário, a aquisição de uma identidade social, pela qual o reconhecimento surge, possibilitando ao indivíduo o sentimento de pertença a um mundo cultural, que o permite, inclusive, apoderar-se do um tão propalado "lugar ao sol". Como nem sempre é fácil conquistar o objeto dos desejos, Valente e Leite (2009, p. 09), ressaltam que nessa condição:

[...] "primeiro o indivíduo precisa ser reconhecido pela sua produção, pelo valor que agrega à organização na qual

trabalha. Segundo, manter-se empregado e produtivo demanda um elevado gasto de energia psíquica, principalmente em tempos de desemprego e alta competitividade”.

No entanto, quando o indivíduo não tem essas possibilidades de produção, ele não se identifica dessa forma, vendo-se obrigado a conseguir qualquer emprego que lhe couber, caracterizando-se, assim, o fenômeno do subemprego (WICKERT, 1999).

Nardi, Tittoni e Bernardes (2002, p. 302), salientam que na “subjetividade” dos trabalhadores, a “grande dificuldade é a compreensão do que seja, de fato, a categoria “subjetividade”, bem como da aceitação de uma “subjetividade” que se constitui na relação do ser humano com o trabalho em um processo de contínuas transformações”. Os autores corroboram ainda, dizendo que estas dificuldades nos colocam frente à especificidade histórica assumida pela relação entre os sujeitos e o trabalho em cada contexto espaço-temporal. Dentro deste enfoque, os autores chamam a atenção para a evolução da concepção da “subjetividade” no trabalho, remontando-se a um período em que os jovens operários fordistas pareciam desprovidos de qualquer possibilidade subjetiva.

É fato que o processo de construção da “subjetividade” traz em seu corpus as peculiaridades do ser humano. Porém, o conceito de “subjetividade” já acompanha o estudo do desenvolvimento humano há um longo tempo, mas, dentro da concepção do trabalho, é questão mais recente. E isto é assim, segundo as afirmações científicas atestam, porque foram deixados em segundo plano e substituídos por aspectos mais quantitativos, incorporados que foram pelo escopo do pensamento administrativo, desenvolvido ao longo das várias análises do fenômeno organizacional (ARAÚJO, 2001).

Sendo assim, destacamos que a vida cotidiana:

[...] é a vida do homem inteiro, ou seja, o homem vivencia na vida cotidiana todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, estão em funcionamento todos os seus sentidos, as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias e ideologias (HELLER, 2004, p. 17).

Nesse mesmo sentido, entende-se estar envolvida a “subjetividade” do trabalhador, ou seja, de forma integral, no seu todo, de corpo e alma, no cotidiano de sua jornada de trabalho:

Compreendendo a subjetividade como um movimento dialético, no qual existe uma inter-relação do ser humano consigo mesmo e o seu ambiente, parte-se do pressuposto de que o ambiente da empresa se apropria da subjetividade do indivíduo, por meio das condições de trabalho, consideradas adversas no sistema administrativo (CIMBALISTA, 2006, p. 16-17).

Nas condições de trabalho entendidas como ‘situações adversas’, argumenta o autor, há sofrimento por parte do trabalhador. Este sofrimento pode estar posto nas mais diversas formas do processo de trabalho, tal como sugeriu Dejours (2006, p. 28):

[...] há o sofrimento dos que temem não satisfazer, não estar à altura das imposições da organização do trabalho [...] e de adaptação à ‘cultura’ ou à ideologia da empresa, às exigências do mercado, às relações com os clientes (internos ou externos).

Outro aspecto que não pode ser negligenciado no âmbito da “subjetividade” do trabalhador, refere-se à relação entre ambos, isto é, entre sujeito e trabalho, posto que tal afinidade nos remete à análise de como os sujeitos vivenciam e dão sentido às suas experiências de trabalho (NARDI, TITTONI & BERNARDES, 2002).

Tradicionalmente o profissional de Recursos Humanos olhava o trabalhador por um viés individual, assinala Silveira (2006). Naquele contexto, era preciso identificar eficientemente pessoas que se adaptassem aos cargos a que se propunham. Não se considerava, na maioria das vezes, que esse trabalhador sofresse influência do meio, das formas como os processos de trabalho eram organizados e muito menos das relações que estabeleciam.

Podemos inferir que o movimento de abertura das organizações dentro de um contexto externo, de rápidas transformações, trouxe também à tona que

o ser humano, no exercício do seu trabalho, passou a ser percebido como receptor de influências diretas dos processos produtivos, das novas tecnologias.

Porém:

[...] ainda assim, não se pode falar deste trabalhador como sujeito ativo e, sim, como alguém preso às normas sociais e empresariais, às quais deve seguir e das quais não participou dos processos criativos e decisórios, opondo-se, desta forma, a uma concepção de sujeito autônomo e livre (SILVEIRA, 2006, p. 322).

Os estudos que relacionam “subjetividade” e trabalho vieram, então, contribuir significativamente para uma visão da relação capital e trabalho como uma via de mão dupla.

## **DELIMITAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O “SOFRIMENTO”**

Diante de tal cenário, surge um tipo de “sofrimento”, configurado pela negação da relação sujeito x trabalho, que Dejours (1997) denominou como sentimento de robotização, ou seja, o indivíduo se sente como um apêndice da máquina ou dos processos a que se submete.

Daí emerge o sentimento de indignidade e insignificância, que se baseia na negação das qualidades profissionais e técnicas do trabalhador para desempenhar as tarefas, em virtude de não vislumbrar o impacto do seu trabalho no resultado final.

O que, segundo Dejours (1997, p. 49) é “um adormecimento intelectual, uma anquilose mental, de paralisia da imaginação e marca o triunfo do condicionamento ao comportamento produtivo”.

Para o autor, a grande responsável pelas consequências desfavoráveis ao funcionamento psíquico, era a forma de organização do trabalho. Mendes (1995 p. 34) cita o seguinte pensamento de Christophe Dejours:

A organização do trabalho exerce sobre o homem uma ação específica, cujo impacto é o aparelho psíquico. Em certas



condições, emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos e uma organização do trabalho que os ignora.

Dejours (1994) amplia seu campo de investigação, passando, da psicopatologia do trabalho à psicodinâmica deste, permitindo que se olhe diferentemente para o “sofrimento”, afirmando que, no trabalho, também existe prazer.

E confirma, dizendo que o trabalho pode ser lugar tanto da saúde quanto da patologia, tanto do “sofrimento” quanto do prazer, sendo apresentado sempre com duplo papel: o trabalho pode ser estruturante como também pode adoecer, pode promover dignidade como também pode deteriorar e ser alienante (DEJOURS, 2011).

Conforme Dejours, Abdoucheli e Jayet, (1994) o “sofrimento” é vivenciado nos mais diversos contextos, porém, no trabalho, o sujeito tem a oportunidade de transformar esse sofrimento em criatividade, pondo-a a serviço da sua saúde. Também é no trabalho que esse sofrimento pode vir a ser um sofrimento patogênico, fragilizando a saúde do trabalhador.

Desta forma, Dejours (1996) faz uma diferenciação entre “sofrimento” criativo e “sofrimento” patogênico, em que o primeiro constitui-se da elaboração de estratégias criativas que, em geral, favorecem a saúde do sujeito e a produção.

Com isso, o autor argumenta que não se deve negar o “sofrimento” do sujeito, pois é inevitável, mas o “sofrimento” criativo possibilita a transformação desse estado em criatividade, contribuindo para a resistência do sujeito à desestabilização.

Já, aquele considerado patogênico, caracteriza o “sofrimento” que gera alguma solução desfavorável à saúde, no sentido de que o sujeito pode estar em vias de adoecimento ou já estar adoecido.

Pode-se afirmar que esse “sofrimento” ocorre quando o trabalhador esgota seus recursos defensivos, levando-o à descompensação e à doença. O “sofrimento”, portanto, pode tanto assumir um papel de mobilizador da saúde

do sujeito, uma vez que o auxilia a pensar de forma crítica o seu trabalho, quanto pode ser um instrumento que é utilizado para o aumento da produtividade e aliena o sujeito (MENDES, 2007).

## **DELIMITANDO OS HORIZONTES DO MÉTODO**

Sem pretender esgotar os aspectos conceituais relativos à psicodinâmica do trabalho, é necessário apresentar algumas considerações que justifiquem a identificação com a proposta do nosso estudo.

A abordagem da Psicodinâmica do Trabalho foi desenvolvida por Christophe Dejours, na França, a partir dos anos 80. A publicação de seu livro *A loucura do trabalho*, em 1987, foi um marco para que a Psicodinâmica do Trabalho ganhasse espaço no Brasil.

A Universidade de Brasília – UnB desponta com as primeiras pesquisas ancoradas nesse aporte teórico-metodológico nos anos 90, tendo a primeira dissertação de mestrado defendida por lá, em 1994, seguida da primeira tese de doutorado, em 1999 (GHIZONI *et al.*, 2014 p. 75).

O objetivo da Clínica Psicodinâmica do Trabalho é o identificar as estratégias de mobilização subjetiva, que se caracterizam pelos modos de pensar, sentir e agir individual e coletivo dos trabalhadores. É exercício que se fundamenta na inteligência prática, na cooperação e no espaço público de discussão (DEJOURS, 2012).

A ênfase da proposta dejouriana recai no privilégio concedido ao estudo da normalidade sobre a patologia, o que, inclusive, ensejou a substituição da expressão “psicopatologia do trabalho” pela “psicodinâmica do trabalho” (JACQUES, 2003).

Dejours, por sua vez, buscou na psicanálise os aportes teóricos que permanecem subjacentes à pesquisa e ao método de interpretação. Nesse método, utiliza-se a escuta, a interpretação e a devolução. Prioriza-se a escuta do trabalhador. Nessa modalidade privilegia-se a entrevista coletiva, porque na abordagem individual ressalta-se “aquilo que na ordem singular está ligado, de certa forma, ao passado do sujeito e à sua história familiar” (DEJOURS &

ABDOUCHELY, 1994, p. 124). Tem como função emancipar o sujeito, ressignificar o sofrimento e transformar a organização do trabalho em fonte de prazer e de saúde (DEJOURS & MOLINIER, 2011; MENDES & ARAÚJO, 2012).

### **TRATANDO OS DADOS: “SUBJETIVIDADE”, “TRABALHO”, “SINTOMA” e “SOFRIMENTO”**

Conforme Ferreira e Mendes (2003), o prazer no trabalho pode ser entendido como sendo o resultado dos sentimentos de utilidade e de produtividade. Nesta esteira, podemos inferir que é indissociável dos sentimentos de valorização e de reconhecimento. Segundo os autores, tal estado é vivenciado quando o sujeito se dá conta de que o trabalho que desenvolve é expressivo e importante, tanto em seu ambiente profissional quanto em sua vida social, ou seja, quando, em seu círculo social, seu status é tão elevado quanto o trabalho que exerce e, ainda, quando este sujeito apresenta um diferencial na consecução do seu trabalho.

Augusto, Freitas e Mendes (2014) distinguem o contexto de trabalho em três dimensões (organização do trabalho, condições de trabalho e relações socioprofissionais), o que, segundo os autores, influencia o prazer e o sofrimento, que são constitutivos da subjetividade no trabalho. Estas são vivências que retratam o sentido dado ao trabalho como resultante da interação entre condições subjetivas (dos sujeitos) e objetivas (da realidade de trabalho).

Nesse contexto, o trabalhador despende energia, individual e coletivamente, na busca de dar conta da realização da atividade. Assim, ele poderá vivenciar prazer e, ou, sofrimento. Caso predomine o sofrimento, poderá utilizar-se de estratégias de mobilização ou defensivas ou operatórias (AUGUSTO, FREITAS & MENDES, 2014, p. 38).

Para Dejours (2008), as vivências do prazer surgem do amálgama que o trabalho traz para o corpo, a psique e as relações interpessoais. As suas causas originam-se das dimensões que estruturam o contexto de trabalho. As vivências de prazer se manifestam por meio da gratificação, da realização, do

reconhecimento, da liberdade e da valorização no trabalho. Constituem-se num dos indicadores de saúde no trabalho, por possibilitarem a estruturação psíquica, a identidade e a expressão da subjetividade no trabalho, de modo a viabilizar as negociações, a formação de compromisso e a ressonância entre o subjetivo e a realidade concreta de trabalho (AUGUSTO, FREITAS & MENDES, 2014).

A saúde, neste contexto, é um processo de busca permanente dos trabalhadores pela integridade física, psíquica e social no contexto de trabalho (FERREIRA & MENDES, 2003). Porém, a saúde se viabiliza, na medida em que os trabalhadores conseguem utilizar as estratégias de mediação individual e coletiva para ter controle sobre as diversidades do contexto de trabalho, argumentam os autores. Conclui Freitas (2006, p. 106) que, “ao tornar possível a superação, a ressignificação e, ou, transformação do sofrimento no trabalho, isso proporcionara a predominância de vivências de prazer e saúde no trabalho”.

Para enfrentar os constrangimentos oriundos da organização do trabalho, Ferreira & Mendes (2003) comentam que o indivíduo utiliza do recurso da mobilização subjetiva, que o impele a extravasar os recursos de sua inteligência e de sua personalidade. Esse recurso viabiliza a administração coletiva da organização do trabalho, posto que afasta a possibilidade de adoecimento psíquico e minimiza a necessidade do uso de estratégias defensivas:

Além disso, a cooperação e a colaboração dos trabalhadores à organização do trabalho asseguram a vontade das pessoas de trabalharem juntas e de superarem coletivamente as contradições que surgem da própria natureza ou da essência da organização prescrita do trabalho, atuando decisivamente, tanto em relação à eficiência do trabalho quanto em relação à economia do sofrimento (AUGUSTO, FREITAS & MENDES, 2014, p. 40).

A cooperação foi definida por Dejours (2008), como uma forma de ser viabilizada pelo espaço público de discussão, o qual é construído pelos trabalhadores. Nesse espaço, as experiências são compartilhadas e, efetivamente,

a coordenação das atividades se constitui, propiciando o enfrentamento do sofrimento advindo da organização do trabalho.

E finaliza, dizendo que o reconhecimento, baseado em um julgamento de utilidade e o baseado no julgamento da beleza. Enquanto o primeiro é atestado pelos superiores hierárquicos, o segundo emerge dos pares.

Concluimos, afirmando que o reconhecimento no trabalho está intimamente ligado ao reconhecimento. Quando o trabalhador se sente útil e quando o seu trabalho é percebido, enaltecido, todo sofrimento, oriundo do seu ofício, pode ser transformado em prazer.

A articulação entre o subjetivo e o objetivo está presente em toda a história do sujeito, enquanto objeto de pesquisa no ambiente de trabalho. A maioria dos pressupostos articulados pelos autores presentes neste estudo relata a história de vida atrelada ao trabalho dos atores, nas condições mais gerais presentes na sociedade do trabalho partindo do contexto social mais amplo.

Considerando que as demandas encontradas nesses estudos estão permeadas pelo sofrimento, prazer, subjetividade e saúde mental, torna-se relevante enfatizar um estudo sobre a integração do corpo e da mente na tentativa de compreender sua essência e a sua não subtração.

Este estudo, pode ser retomado de Ávila (1997, p. 38): “Não se sofre apenas no corpo, nem apenas psiquicamente”. Em seu trabalho sobre “A Alma, o Corpo e a Psicanálise”, o autor apresenta uma discussão sucinta sobre as relações entre Psicanálise e Psicossomática.

Faz, ali, uma retrospectiva da evolução da concepção das práticas curativas, desde a paleo-medicina, passando por uma distinção entre medicina psicossomática e psicossomática psicanalítica, até uma proposta de superação do dualismo mente-corpo.

Para a Psicossomática, segundo Ávila (1996), a banda de Moebius é a representação ideal para configurar-se um modelo para a relação entre o corpo e a mente:

O corpo não é o exterior, sendo a mente o seu interior. Os processos psíquicos não são 'dentro' do homem. O 'corpo' não lhe é um mero veículo, ou uma veste, ou um calçado. O corpo e a mente interpenetram-se, como desde sempre se sabe. Não há processos puramente orgânicos, e nem unicamente mentais. Embora se devam respeitar as especificidades dos registros, havendo, assim, uma esfera biológica, uma esfera físico-química, dimensões simbólicas organizadas por esferas sociais e culturais, e uma esfera própria ao psiquismo, além de outras, há, contudo, uma evidente continuidade no fenômeno humano. Essa continuidade é o que a Banda de Moebius pode dar conta de representar (ÁVILA, 1996).

E finaliza o autor citado acima, dizendo que:

O sofrimento humano é uma extraordinária manifestação da unidade da vida humana. Talvez não haja dicotomias, mas apenas modelos distintos de apreensão. O que parece especificamente orgânico no corpo, talvez seja apenas um dos "momentos" da faixa, e se tivéssemos paciência suficiente, sabedoria suficiente, e critérios adequados, possivelmente poderíamos perceber quando esse processo passa a se manifestar em seu "momento" psíquico (ÁVILA, 1997, p. 39).

A banda, ou faixa de Moebius<sup>4</sup>, foi descrita pelo matemático alemão August Ferdinand Moebius, em 1861. Trata-se de uma superfície sem borda, ou seja, um objeto que se caracteriza por ser não orientável e unilateral. Assim, diferentemente de uma folha de papel, esse objeto topológico não apresenta frente e verso, dentro ou fora, em cima ou embaixo, mas uma única superfície contínua, que pode ser percorrida sem jamais atravessar qualquer borda (ÁVILA, 1996).

---

<sup>4</sup> MOEBIUS, A.F. Mémoire sur les polyèdres, 1861. Cf. DOR, J. *Introdução à leitura de Jacques Lacan*. Vol. 2. A estrutura do sujeito, 1995, p. 110.

## CONCLUSÕES

A clínica psicodinâmica tem como objetivo a escuta dos trabalhadores, para compreendê-los. Assim, portanto, é que esta técnica poderá contribuir para transformar o mundo do trabalho, posto que: “Não visa à criação de nichos clínicos no organograma da empresa moderna” (BUENO & MACÊDO, 2012, p. 315).

Para Dejours (2010), a transformação da organização do trabalho está sendo construída e avançando cientificamente, migrando de uma fase teórica para a fase de sua aplicação. No entanto, o sofrimento psíquico dos trabalhadores brasileiros é evidente nos estudos apresentados pelos pesquisadores do Brasil.

Mendes e Araujo (2012), em tal cenário, nos leva a uma reflexão sobre a universalidade da expressão das demandas relacionadas ao trabalho.

Na clínica de trabalho proposta por Dejours, vemos que existe uma consciência de uma demanda por parte dos trabalhadores. O que se torna evidente para Mendes (2014), visto que põe em destaque a diferença entre necessidade, queixa, sintoma e desejo: “Em contraste com a realidade francesa, onde revoluções e lutas do povo são reconhecidas e aclamadas, no Brasil o silêncio se posta no lugar do sofrimento, assim como a deslegitimação da luta dos trabalhadores por suas causas” (DUARTE & MENDES, 2015, p. 106).

Essas dificuldades também podem ser evidenciadas nos artigos e trabalhos publicados, particularmente quando a questão trata sobre a saúde mental dos trabalhadores brasileiros. Com tantas implicações envolvidas nesse contexto, é necessário repensar a psicodinâmica do trabalho, não só como a construção do saber, mas, também, com a necessidade da demanda do trabalhador (DUARTE, 2014).

Essas atitudes trariam implicações positivas e relevantes por parte do clínico e pesquisador, quando a escuta sensível for transformada em ações em prol dos processos dinâmicos no trabalho, caminhando na busca da construção de um espaço de trabalho com mais saúde e dignidade, com maior reconhecimento, autonomia e liberdade.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. *O avesso do trabalho*. São Paulo: SP, Expressão Popular, 2004.
- ARAÚJO, L. C. *Organização, sistemas e métodos e as modernas ferramentas de gestão organizacional: arquitetura, benchmarking, empowerment, gestão pela qualidade total, reengenharia*. São Paulo: Atlas, 2001.
- AUGUSTO, M. M.; FREITAS, L. G.; MENDES, A. M. Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa. *Psicologia em Revista*, 20(1), p. 34-55, 2014.
- ÁVILA, L. A. *Doenças do corpo e doenças da alma – Investigação psicossomática psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1996.
- ÁVILA, L. A. A alma, o corpo e a psicanálise. *Psicologia Ciência e Profissão*, 17(3), p. 35-39, 1997.
- ÁVILA, L. A. O corpo, a subjetividade e a psicossomática. *Tempo Psicanalítico*, 44(1), p. 1-9, 2012.
- BALLONE, G. J.; ORTOLANI, I. V.; PEREIRA NETO E. Da emoção à lesão: um guia de medicina psicossomática. São Paulo: Manole, 2007.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto, 1994.
- BUENO, M.; MACÊDO, K. B. A clínica psicodinâmica do trabalho: de Dejours às pesquisas brasileiras. *ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade*. 2 (2), p. 315-318, 2012.
- CIMBALISTA, S. Reflexões sobre o trabalho e a subjetividade dos trabalhadores resilientes sob o sistema de produção flexível. *Revista da FAE*. 9 (3), p. 13-28, 2006.
- DAVEL, E.; VERGARA, S. *Gestão com pessoas e subjetividade*. São Paulo: Atlas, 2001.
- DEJOURS, C. A carga psíquica do trabalho. In: DEJOURS C.; ABDOUCHELI E.; JAYET C. (Orgs). *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994.
- DEJOURS, C. ABDOUCHELI, E. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. (Orgs). *Psicodinâmica do Trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994, p. 120-145.
- DEJOURS, C. ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994.



- DEJOURS, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, J (Org.). *O indivíduo na organização*. São Paulo, SP: Atlas, 1996, p. 149-173.
- DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1997.
- DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*. 14, (3), p. 027-034. set/dez, 2004.
- DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- DEJOURS, C. Novas formas de servidão e de suicídio. In: MENDES, A.M. (Org.). *Trabalho e saúde: o sujeito entre emancipação e servidão*. Curitiba: Juruá, p. 26-39, 2009.
- DEJOURS, C. e MOLINIER, P. O trabalho como enigma. In: LANCMANE, S.; SZNELWAR L. (Orgs.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho*. (3 ed. rev, F. Soudant; S. Lancmane L. I. Szelwartrads). Rio de Janeiro: Fiocruz Brasília: Paralelo 15, pp.151-166, 2011.
- DEJOURS, C. *Trabalho vivo: trabalho e emancipação*. Brasília: Paralelo, 2012.
- DEJOURS, C. O sofrimento no trabalho. In: *Christophe Dejours: A banalização da injustiça social*. Jornal Argentino, p. 12, 02/05/2013.
- DELEUZE, G. *Le pli: Leibniz et le baroque*. Paris: Minirit, 1986.
- DUARTE, F. S. Dispositivos para a escuta clínica do sofrimento no trabalho. 2014. 142 f. *Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações*. Instituto de Psicologia: Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- DUARTE, F. S.; MENDES, A. M. Da escravidão à servidão voluntária: perspectivas para a clínica psicodinâmica do trabalho no Brasil. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, Belo Horizonte, n. 3, p. 68-128, abr. 2015.
- FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. *Trabalho e riscos de adoecimento: o caso dos auditores-fiscais da Previdência Social brasileira*. Brasília DF: Edições Ler, Pensar, Agir LPA, 2003.
- FREITAS, L. G. *Saúde e processo de adoecimento no trabalho dos professores em ambiente virtual*. Brasília: Instituto de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de Brasília. (Mimeografado), 2006.
- FREUD, S. Mes vues sur le rôle de la sexualité dans l'étiologie des névroses [1905-06]. *Résultats, idées, problèmes*, Tome I. Paris: PUF, 1984.
- FREUD, S. *Introduction à la psychanalyse* [1916-17]. Paris: Payot & Rivages, 2001.
- GHIZONI, L. D. et al. Clínica psicodinâmica do trabalho: a prática em diversos contextos do trabalho. *Desafios: Revista Interdisciplinar da UFT*. 1 (1), p. 74-94, 2014.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Microfísica do poder: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolitiques*. Paris: Les empêcheurs de penser en rond, 2007.

GOMES, A. B. *O sofrimento na relação psíquica com o trabalho e a atuação dos mecanismos de defesa para a manutenção da saúde mental*. Disponível em: [www.recantodasletras.com.br/artigos/2603817](http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2603817), 2010.

HABER, S. *Des pathologies sociales aux pathologies mentales*. Paris: Presses universitaires de Franche-Comté, 2010.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. 7.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HONNETH, A. *La société du mépris*. Paris: La Découverte, 2007.

JACQUES, M. G. C. Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. *Psicologia & Sociedade*, 15 (1), p. 97-116, 2003.

MENDES, A. M. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. *Psicologia Ciência e Profissão*, p. 34-38, 1995.

MENDES, A. M. B. *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

MENDES, A. M. Prazer, reconhecimento e transformação do sofrimento no trabalho. In: MENDES A. M. (Org.). *Trabalho e saúde: o sujeito entre emancipação e servidão*. Curitiba, PR: Juruá, 2008.

MENDES, A. M.; ARAÚJO, L. K. R. *Clínica Psicodinâmica do Trabalho: o sujeito em ação*. Curitiba: Juruá, 2012.

MENDES, A. M. Escuta analítica do sofrimento e o saber-fazer do clínico do trabalho. In: MENDES, A. M.; MORAES, R. D.; MERCO, A. R. C. (Org.). *Trabalho & sofrimento: práticas clínicas e políticas*. Curitiba: Juruá, 2014, p. 55-70.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOEBIUS, A.F. *Mémoire sur les polyèdres*, 1861. Cf. DOR, J. Introdução à leitura de Jacques Lacan. Vol. 2. A estrutura do sujeito, p. 110, 1995.

NARDI, H. C.; TITTONI, J.; BERNARDES, J. S. Subjetividade e trabalho. In: CATTANI A. D. (Org.). *Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia*. 4.ed. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

PERESTRELLO, D. A. *A medicina da pessoa*. Rio de Janeiro/São Paulo: Atheneu, 1989.

PÉRILLEUX, T.; MENDES, A. M. O enigma dos sintomas: proposição para uma escuta psicanalítica e política do sofrimento no trabalho. *Revista Trivium*. Estudos Interdisciplinares, VII (1), p. 61-73, 2015.

RENAULT, E. *Souffrances sociales. Philosophie, psychologie et politique*. Paris: La Découverte, 2008.

ROMÃO, C. *Abordagens qualitativas de pesquisa*. Disponível em: <<http://www.cesarromao.com.br/redator/item24132.html>>. Acesso em: 21 agosto de 2016.

ROSA, H. *Aliénation et accélération*. Paris: La Découverte, 2012.

SILVEIRA, M. A. M. (2006). Subjetividade e trabalho. *Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*. 4 (4), p. 322-323, 2006. [Resenha].

VALENTE, J. B.; LEITE, A. P. Negação da subjetividade no trabalho: dilemas sobre a saúde mental dos trabalhadores nas organizações produtivas. *Trabalho apresentado no Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia*. Resende: RJ, 2009.

WICKERT, L. F. O adoecer psíquico do desempregado. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 19(1), pp. 66-75, 1999.